



“Jovens Atualidades”: reflexões sobre cidadania, comunicação e educação a partir de um programa de rádio produzido por alunos do ensino fundamental da rede pública em Curitiba¹

SILVA, Marilvani Messaggi Zerek da – SME/Curitiba²

PISANI, Patrícia Adriane Elias – SME/Curitiba³

POLETTTO, Thays Renata – Unibrasil⁴

Resumo

Em 2007, na tentativa de melhorar o aprendizado e dar novas oportunidades a adolescentes de periferia, a Escola Municipal Bairro Novo, em Curitiba, apóia a criação de um programa de rádio. Alunos entre 13 a 16 anos começam a produzir e gravar o programa “Jovens Atualidades”, de cunho informativo, passando a refletir sobre a recepção dos outros programas que ouvem em casa. Até hoje em funcionamento, “Jovens Atualidades” não é só um programa de rádio, mas é uma experiência ampla de conhecimento. Este artigo trata desta experiência, descreve outras experiências do mesmo tipo na cidade, traz as origens históricas do relacionamento rádio-educação, conceitua projetos de educomunicação, discute a importância da continuidade dos mesmos e relata as expectativas em relação à produção de programas de rádio em escolas municipais da rede pública na capital.

Palavras-chave

Cidadania; Educação; Rádio; Adolescentes; Comunicação local.

Rádio e educação: um sonho antigo

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora de rádio do Brasil, surge em 1923, sob os cuidados do professor e cientista Edgard Roquette-Pinto e de outros membros da Academia Brasileira de Ciências. Para Roquette-Pinto, considerado o pai da radiodifusão no país, “o rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola (...)” (Castro, 1996, p.13).

Marcada por aulas e palestras de ciências, línguas estrangeiras, literatura, música⁵, entre outros temas, a programação da Rádio Sociedade não era exatamente

¹ Trabalho apresentado a Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduada em Geografia, com ênfase em Geoprocessamento, e especialização em Geografia Ambiental. Atualmente é gerente de Projetos Educacionais na Secretaria Municipal da Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba: marilvsilva@sme.curitiba.pr.org.br

³ Graduada em Educação Artística, é professora da rede municipal de ensino em Curitiba. Além de atuar em sala de aula, desde o início de 2009 é responsável pela expansão do projeto Rádio-Escola na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba: ppisani@sme.curitiba.pr.gov.br

⁴ Graduada em Comunicação Social, é Mestre em Comunicação e Linguagens, jornalista e professora das Faculdades Integradas do Brasil (Unibrasil): tpoletto@gmail.com



popular. Talvez no início a programação elitista não fosse a maior preocupação, pois os aparelhos receptores eram caros e os ouvintes, sócios e mantenedores da Rádio, eram também seus programadores. Mas, o ideal de levar educação a quem mais precisava dela sempre esteve nos sonhos de Roquette-Pinto. Assim, o professor buscou dar um direcionamento nacional e oficial à educação pelo rádio através de seu livro “*Seixos rolados*” (1922), em que propõe a fundação de radioescolas.

Em 1933, funda-se a Rádio Escola Municipal do Distrito Federal – no Rio de Janeiro -, tendo o professor Anísio Teixeira como seu responsável. Os matriculados na Rádio Escola recebiam folhetos sobre as aulas e deveriam fazer e enviar trabalhos para a instituição como forma de avaliação.

A resposta alcançada pela Rádio Escola foi imediata. Um ano depois de entrar no ar, a emissora havia recebido 10.800 trabalhos de seus alunos, dado que ajuda a reforçar a necessidade de se estabelecer dois pontos fundamentais para que o ensino através do rádio desse resultado: o contato direto entre a emissora e o ouvinte e o desenvolvimento de uma didática especial para o ensino radiofônico. (Moreira, 1991, p.18).

Três anos depois, com sérias dificuldades financeiras para manter a Rádio Sociedade, Roquette-Pinto a entrega para o Ministério da Educação, sob a exigência de que os ideais de educação fossem mantidos. A doação da emissora trouxe a criação, em 1937, do Serviço de Radiodifusão Educativa, “uma iniciativa do governo de Getúlio Vargas, ‘destinado a promover, permanentemente, a irradiação de programas educativos’” (Moreira, 1991, p.18). O Serviço foi acusado de preterir as intenções educacionais a transmissão de propagandas de Getúlio.

Entre outras, podemos citar como experiências relacionadas a intenção de educar através do rádio, o programa Universidade no Ar, da Rádio Nacional, os programas de formação técnica do Serviço Social do Comércio (Sesc) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), e do governo federal, pelo Sistema de Rádio Educativo Nacional (Sirena) e do Movimento de Educação de Base (MEB). Este último realizado em parceria com a Igreja Católica, concentrou-se nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Enquanto a Rádio Nacional produzia o Universidade no Ar, dirigindo-se à formação de professores do ensino médio, o Sesc e o Senac desejavam a instrumentalização técnica de operários em São Paulo. O Sirena, criado em 1957, buscava principalmente a erradicação do analfabetismo pelo rádio. Encabeçado por

⁵ Estas experiências são reconhecidas como as primeiras na área de educação à distância através do rádio no país.



Dom Eugênio Salles⁶, o MEB veio nos anos 60, com a proposta de “escolas radiofônicas” que deveriam não só alfabetizar, mas promover a “animação popular”, a organização comunitária e a conscientização. Segundo Moreira (1991, p.21), esta última palavra passa a ser “interpretada como uma ameaça à ordem instituída no país” a partir do golpe de 64. É importante ainda citar a programação da Rádio Cultura da Fundação Padre Anchieta (antiga Rádio MEC, ‘substituta’ da Rádio Sociedade), que se manteve voltada ao ideal de educação e divulgação da cultura.

Nos anos 70, o governo federal lançou o projeto Minerva, programa radiofônico de caráter educativo-cultural e de transmissão obrigatória em todo país. Produzido em São Paulo e no Rio Grande do Sul, o programa não atendia as necessidades regionais sentidas em cada diferente região do país. Como outras experiências anteriores, o projeto Minerva também não alcançou o sucesso almejado (Bianco, 2008, p.23b).

Percebe-se a intenção de dar às emissões radiofônicas no Brasil um caráter educativo desde as primeiras transmissões. E nem todas as experiências nesse sentido envolviam o governo. Mas, todas envolviam política - e/ou políticos. Para iniciar as transmissões da Rádio Sociedade, por exemplo, Roquette-Pinto precisava da permissão do governo federal, através Ministério de Viação e Obras Públicas, tanto para as emissões quanto para que cidadãos comuns pudessem ter receptores em casa. O professor resolveu o problema da legislação⁷ indicando para presidente de honra da emissora o próprio ministro Francisco de Sá, que em pouco mais de uma semana revogou a lei (Castro, 1996, p.11). Assim, a história do rádio no país carrega, desde seu berço, a intenção educativa, mas traz também a forte ligação com o governo instituído e sua política.

O rádio na escola e a escola no rádio: aspectos da educomunicação

Além das experiências utilizando-se a transmissão de programas de caráter educativo por emissoras instituídas é importante caracterizar outras questões nesta relação rádio-educação. Professores vêm utilizando vários tipos de programas de rádio (e televisão) em suas aulas, normalmente não com a programação da emissora ao vivo,

⁶ Franciscanos já utilizavam o rádio na década de 50 para a educação, no entanto, só com o envolvimento de um cardeal (posto importante na Igreja Católica) foi possível realizar a parceria com o governo e dar mais abrangência ao programa.

⁷ Pela legislação da época, o cidadão que desejasse adquirir um aparelho receptor devia registrar sua condição no Ministério de Viação e Obras Públicas, podendo assim receber (ou não) autorização para tal. Por conta do uso do rádio em guerra, o aparelho ainda era considerado de uso militar.



mas gravados e pré-selecionados de acordo com o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. Trata-se aqui do uso dos programas produzidos por veículos de comunicação de massa como ferramentas, como recursos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem, previsto inclusive nos Parâmetros Curriculares que norteiam a educação no país.

Não é possível especificar a quantidade, mas é possível perceber que muitos desses programas não foram produzidos com a intenção primeira de serem utilizados em sala de aula, porém trazem questões importantes para a escola e mesmo a discussão de questões atuais. E mais importante: não levam o rótulo de “chatos” como a maioria dos programas tradicionais de caráter educativo - além da vantagem de utilizar a linguagem dos meios de comunicação de massa já conhecida pelos alunos. A utilização desses recursos pode facilitar a aprendizagem, tornar o ensino de determinado tema mais lúdico, motivado ou mesmo facilitado.

Professores e alunos também têm produzido seus próprios programas, mesmo sem conhecimento específico, a partir da imitação de modelos com os quais já estão familiarizados e de acordo com suas possibilidades. Segundo Assumpção⁸ (1999, p. 22) são vários os benefícios que a produção de programas radiofônicos pode trazer para os alunos, como a melhoria na leitura, produção e interpretação de textos, a capacidade de síntese e de pesquisa, a participação e cooperação em trabalhos em grupo, o senso de responsabilidade e a iniciativa pessoal, análise crítica das transmissões radiofônicas.

Outras questões a serem pensadas em relação aos meios de comunicação de massa são a produção de programas radiofônicos (ou televisivos) pela comunidade escolar e a reflexão sobre estes meios. Soares⁹ (2007, p.17-18) realizou uma pesquisa nos Estados Unidos e aponta esses dois pilares (produção e reflexão) como fenômenos atuais naquele país. Sobre a primeira questão, ele considera a necessidade de preparar professores e estudantes para “usufruir dos novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações (*information literacy*)”. A respeito da reflexão, o autor explica sua importância a partir da preocupação “com o impacto do sistema de meios sobre crianças e adolescentes (*media literacy*)”. De maneira simplificada, podemos trazer estas preocupações para nossa realidade, discutindo como

⁸ Assumpção desenvolveu com seus alunos uma experiência com programas de rádio e sua proposta para uma rádioscola foi transformada em livro (Assumpção, 1999).

⁹ Ismar Soares é coordenador dos estudos sobre a educomunicação no Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. O autor é referência nacional em educomunicação.



temos aproveitado as tecnologias de comunicação em sala de aula e de que maneira preparamos nossos alunos para a recepção dos programas de rádio (e televisão) que ouvem (e vêem) todos os dias. Teria a escola compromisso com essas questões? Há possibilidades de se estimular a aprendizagem e a formação de sujeitos, de cidadãos, quando se fala desses aspectos?

Essas são perguntas entrelaçadas no conceito de “educomunicação” que para Soares¹⁰ é

o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. (Soares, 2001, p.47).

Percebe-se que nas tentativas de melhorar a aprendizagem e de levar à reflexão sobre nossa relação com os meios de comunicação social está a idéia de “conscientização”, de crítica, de escolha, de emancipação, de cidadania. Neste contexto, entendemos cidadania como a

competência humana de fazer-se sujeito para fazer história própria e coletiva organizada. Para o processo de formação dessa competência, alguns componentes são cruciais, como a educação, organização política, identidade cultural, informação e comunicação. Destacando, acima de tudo, o processo emancipatório. Este se funda, de partida, na capacidade crítica, para, com base nesta, intervir na realidade com base nesta. Não-cidadão é sobretudo quem, por estar proibido de tomar consciência crítica, da marginalização que lhe é imposta, não atinge a oportunidade de conceber uma história alternativa e de organizar-se politicamente para tanto. Entende injustiça como destino. Faz a riqueza do outro sem dela participar” (Demo, 1995, p.2).

É nesse sentido que percebemos o esforço de professores que buscam desenvolver projetos de educomunicação – mesmo que ainda não conheçam essa palavra. A educomunicação pode abrir caminhos de estudantes para a reflexão sobre seu direito à participação política e a uma aprendizagem significativa, que transforme alunos em alunos críticos, em receptores passivos a receptores e produtores de mensagens, com capacidade para avaliar a simbologia presente nas mensagens que recebem e que expressam, com capacidade política de fazer sua história, fazer escolhas e modificar sua situação, o contexto histórico-social em que vivem (talvez também o de professores, pais, colegas... e por que não da própria escola e da própria comunidade?).

¹⁰ Segundo o autor, na maioria das vezes os projetos em voga permanecem como atividades extra-curriculares ou dependem da ação isolada de professores e alunos.



Experiências locais de escolas na produção de programas de rádio

Em Curitiba, são conhecidas várias experiências de alunos e professores que produziram/produzem programas de rádio no contexto escolar. Uma delas é a Rádio Vila Verde, produzida no colégio municipal de mesmo nome, que utilizava alto-falantes no circuito interno da escola para realizar a transmissão semanal de 20 minutos de programa. O trabalho durou um ano e recebeu apoio de estudantes de Psicologia de uma instituição privada de ensino superior (Assumpção, 1999, p.54-57).

Outra experiência é do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Paraná (Fundepar), em parceria com a Fundação de Rádio e Televisão Educativa do Paraná. Criada em 1992, a proposta era levar alunos da rede estadual de ensino de Curitiba a produzirem programas de rádio, transmitidos pela Rádio Educativa do Paraná, nas suas duas frequências: AM e FM. O programa chamava-se Rádio Recreio e foi desativado em 1994. Não há registro de profissionais habilitados em educação ou comunicação no suporte da programação (Assumpção, 1999, p.57-59).

Instalações internas em um circuito fechado de áudio também permitiram que o Colégio Estadual do Paraná (CEP), localizado em Curitiba, mantivesse a Rádio Intervalo, que opera desde 1996, época em que a instituição comemorou seus 150 anos de existência. Com o apoio do grêmio estudantil, estudantes realizavam as produções e as transmissões na área interna da escola¹¹.

Percebe-se que o início das experiências de produção é normalmente marcado pelo entusiasmo e pelo idealismo, mas as dificuldades, a falta de planejamento, de apoio e de recursos (humanos, financeiros, técnicos...) levam a descontinuidade do projeto, gerando frustração e colaborando para o sentimento de baixa auto-estima entre seus participantes. Como estes projetos trabalham pelos ideais da educação, da cidadania e da inclusão social, é muito prejudicial que terminem gerando sentimentos negativos. Muitos se sentem inferiorizados porque não conseguiram levar a cabo o que pretendiam e havia uma expectativa entre colegas de classe, professores, familiares, amigos... Se há uma questão também importante nessas produções é a da auto-estima. Para jovens de periferia que podem sofrer com a marginalização, preconceito e todas as dificuldades que a pobreza e a falta de acesso a direitos fundamentais essas frustrações com a descontinuidade de projetos que abraçaram podem trazer idéias de desvalorização pessoal e desinteresse para lutar contra as condições sociais desfavoráveis em que

¹¹ Curioso é o fato de que já 1949, o CEP já colocara no ar a Rádio Emissora do Colégio Estadual do Paraná, que mais tarde se tornaria a atual Rádio Educativa do Estado (hoje denominada Rádio Paraná Educativa). Considerado o maior e mais antigo colégio público do Paraná, desde 2004 oferece curso profissionalizante na área de comunicação.



vivem. Sabemos que apenas produzir um ou outro programa, ou mesmo ter uma constante e periódica produção, não é suficiente para levar nossos estudantes a desenvolver competências políticas e realizar profundas modificações sociais. Mas, este é um passo interessante para estimular a reflexão sobre a sociedade e muito certamente um modo importante e necessário de levar os alunos a pensar sobre sua realização pessoal e mesmo vislumbrar essas possibilidades – das competências e das mudanças. É como “aprender a ler o mundo”, mesmo aquele mundo ainda não acessível.

A experiência do programa “Jovens Atualidades”

Questões ligadas ao papel da escola, aos processos de ensino-aprendizagem, a formação de alunos como sujeitos, como cidadãos, não ocupam só páginas na pesquisa acadêmica, mas também preocupam professores em seu dia-a-dia na sala de aula. As conhecidas angústias levaram a Escola Municipal Bairro Novo do Centro de Assistência Integral à Criança (CAIC¹²) Guilherme Lacerda Braga Sobrinho, em Curitiba, a um projeto de educomunicação.

A Escola tem 15 anos de funcionamento e está situada no bairro Sítio Cercado, com aproximadamente 3.000 alunos em 2009. A Escola Municipal Bairro Novo é considerada pertencente à zona urbana da cidade, porém está localizada numa periferia afastada do centro. Funcionando pela manhã, tarde e noite, o colégio oferece do 1.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e atende a um público bastante diversificado. A instituição possui salas de aulas, ginásio de esportes, sala de artes, dois laboratórios de informática, laboratório de ciências, refeitório e um grande pátio externo. A instituição passa por período de adaptação em suas ações pedagógicas, enfatizando as necessidades dos estudantes, objetivando elevar os índices de aprovação e qualidade na aprendizagem. A instituição atende alunos oriundos, na sua maioria, do próprio bairro em que se localiza a escola. A faixa etária está entre cinco

¹² Os CAICs são fruto dos projetos nacionais de CIAC (Centro Integrado de Atenção à Criança e ao Adolescente), começados em 1990 e ainda herança do governo Collor (1990-1992). Pela proposta, 5 mil CIACs deveriam ser criados no país, nacionalizando a idéia dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), implantados no Rio de Janeiro a partir de 1981, sob o governo de Leonel Brizola. Além de uma mesma arquitetura, os CIACs deveriam ter num mesmo espaço creche, escola de ensino fundamental, posto de saúde, espaços para lazer, atividades esportivas e convivência da comunidade. Suspeita-se que a idéia de nacionalização dos CIEPs está ligada a intenções políticas na realização da ECO-92 no Rio de Janeiro, razão pela qual Collor aceitara e aprovava a idéia (Correio Braziliense, 2002). Após a renúncia de Collor, o governo de Itamar Franco, mudou o nome de CIAC para CAIC. Com altos custos (cerca de dois milhões de dólares para a construção de cada unidade, a época) e alta complexidade de funcionamento, apenas 444 CAICs foram criados. Em 1995, foi extinto o órgão que administrava os CAICs, passando-os, então aos governos estaduais e municipais, que aproveitaram as idéias e as estruturas. Em Curitiba, os CAICs aumentam a permanência de alunos do ensino fundamental na escola, desenvolvem atividades esportivas e culturais, buscando reduzir a evasão escolar, a repetência e a marginalização.



anos até pessoas mais idosas, em torno de sessenta anos, que freqüentam a EJA. O nível de escolarização dos pais ou responsáveis dos alunos encontra-se entre o Ensino fundamental e o Ensino Médio, porém uma boa parte não chegou a concluir o Ensino Fundamental.

O nível sócio-econômico da clientela atendida é a classe média baixa, sendo que a maioria dos pais encontra-se trabalhando, seja no comércio, indústria, funcionalismo público, atividades autônomas e mercado informal, dentre outros. Mas há também um número relevante de pais desempregados, sobrevivendo de trabalhos esporádicos. Muitos possuem acesso a bibliotecas, cinemas, possuem aparelhos eletrônicos. O lazer são passeios em parques, praças públicas e shoppings. As situações de risco às quais os estudantes estão mais expostos são relacionadas com uso/comércio de drogas, gravidez na adolescência, risco de doenças sexualmente transmissíveis e violência entre gangues.

O trabalho de educomunicação começou em 2007, com alunos da 8.^a série do Ensino Fundamental. A proposta de realizar uma Oficina de Rádio foi coordenada pela professora Patrícia Elias Pisani¹³, que lecionava Artes no CAIC – e também é co-autora deste trabalho. Incentivada pela pedagoga Deusdeth Cresto, Patrícia tinha vontade de dar aos alunos do contraturno uma alternativa para ocupar suas tardes, além da rua ou da internet. A intenção não era ‘inventar a roda, mas colocá-la para rodar’, pois se tinha conhecimento de outras experiências na produção de programas de rádio em escolas.

Como a proposta não partiu dos alunos, o primeiro passo do projeto foi apresentá-lo aos estudantes. Setenta alunos quiseram conhecer a proposta. Alguns alunos pareciam prontos para a experiência, porém, tiveram medo de assumir as responsabilidades que o projeto exigia. Sendo assim, ficamos com uma equipe de vinte alunos, que acompanharam o trabalho até o final daquele ano letivo.

Estes alunos apresentavam características que não eram comuns ao estereótipo do “aluno disciplinado”. Com idade entre treze e dezesseis anos, alguns eram repetentes e muitos apresentavam problemas de comportamento ou de aprendizagem. Alguns docentes não compreendiam como estudantes com estas características poderiam participar de um projeto... Mas a equipe foi provando sua capacidade a partir de seu comprometimento com o trabalho, pois duas características essenciais ao projeto – ser comunicativo e ter vontade de aprender – todos apresentavam.

¹³ Também colaboraram com a realização do projeto as professoras Adriana Martins, Deusdeth Cresto, Elaine Beatriz Smyl, Fabiane Cabral da Rosa, Gisele Maicá, Josilene de Oliveira Fonseca e as jornalistas Denise Toniolo e Evelize Barone.



A escola possuía espaço e condições para mobilizar alunos para a produção de programas radiofônicos. No início, os participantes deixaram clara sua opção por uma rádio musical, mas com as discussões sobre o objetivo da Oficina decidiram optar por formatos informativos. É possível que a primeira opção pela programação musical tenha se dado por ser este o tipo de transmissão radiofônica a que estão mais acostumados ou mesmo porque receavam não ter conhecimento para produzir outros formatos.

Na proposição da Oficina, tinha-se em mente que no processo que envolve comunicação popular, alternativa ou comunitária, mais importante que a produção que se faz a partir do uso dos meios são as relações que os sujeitos/atores sociais estabelecem nesse processo de construção. O diálogo, o comunicar, o expressar livre de idéias, as formas de participação, a inclusão dos elementos e a valorização das identidades e culturas são elementos significativos e expressivos nesse processo. Foi conversando que os adolescentes decidiram o nome do programa: “Jovens Atualidades”. Eles queriam algo que mostrasse sua faixa etária e que desse a idéia de que transmitiam informação.

Para viabilizar sua transmissão, foi criada uma parceria entre as secretarias municipais da Comunicação Social e da Educação. O programa dos estudantes é parte do espaço radiofônico “Saber Fazer” (da Rádio Prefeitura¹⁴), dedicado à questão da educação e que envolve vários outros projetos de mobilização em escolas e instituições de ensino. Com apoio das secretarias, foi possível iniciar as reuniões com os alunos e utilizar a estrutura da Rádio Prefeitura para gravar os programas, disponibilizá-los na página da Rádio na internet e produzir cópias dos programas para os adolescentes participantes. As cópias são tanto instrumento de registro e memória como são necessárias para que as famílias dos adolescentes e suas redes sociais tenham acesso facilitado às produções, pois ainda é mais fácil encontrar aparelhos de som que computadores com acesso a internet¹⁵ na comunidade local. O programa gravado é transmitido às quintas-feiras às 16 horas pela Rádio Prefeitura.

Com o grupo de alunos definido, foi preciso montar um cronograma de trabalho, definir um espaço para as reuniões e organizar um horário para uso do laboratório de informática da escola. Inicialmente, houve dificuldades de adequação por parte de alguns funcionários, mas aos poucos o trabalho se organizou. Conhecido como Oficina

¹⁴ Para ouvir, acesse: <http://www.curitiba.pr.gov.br/RadioPMC.aspx>

¹⁵ Para os adolescentes que já utilizavam a internet, foi uma grande descoberta poder ouvir-se na net. Para eles, a internet servia para programas de relacionamento, como o Orkut, ou pesquisas escolares.



Rádio Escola, o projeto previa reuniões de produção e de avaliação. As reuniões de pauta tiveram uma organização construída coletivamente entre a professora Patrícia e os estudantes, com apoio das professoras de Língua Portuguesa. Elas aconteciam uma vez por semana para organização do programa, que também era semanal. Definindo-se que temas seriam discutidos, as questões sobre o assunto eram elaboradas durante a reunião. As pautas dos programas eram definidas em equipe, algumas vezes objetivando valorizar eventos, projetos e resultados obtidos por escolas municipais, alunos e professores do município. Outras vezes pautas sugeridas pelos alunos objetivando valorizar experiências significativas da comunidade dos mesmos. Cada equipe apresentava para o grupo quais foram as suas contribuições naquele dia e justificava porque deveria ser escolhida para participar da gravação em estúdio naquela semana. Então, o grupo fazia a votação em aberto, sendo que cada votante também justificava seu voto. Este tipo de votação foi sugerido pelos próprios alunos, pois o estúdio da Rádio Prefeitura não comportava todos os estudantes e nós trabalhávamos em sistema de rodízio: a cada semana um grupo de alunos participava¹⁶.

Os programas eram montados em formato de entrevistas (e aí surgia a figura do “repórter mirim”), com quadros de notícias sobre educação e cultura, participação do repórter do trânsito e eventualmente algumas participações por telefone. No primeiro programa, os alunos foram entrevistados pela jornalista Evelise Barone, que deu dicas de como usar os equipamentos do rádio e como conduzir o programa. A partir da segunda edição, os alunos conduziam o programa sem o apoio de jornalistas, contando com a ajuda da professora Patrícia e da professora Fabiane Cabral da Rosa, que na época coordenava os trabalhos como representante da Secretaria Municipal da Educação.

Ao final dos programas, transmitidos ao vivo, a equipe recebia um CD¹⁷ com a gravação. No mesmo dia, ao retornar à escola, todos os participantes realizavam uma reunião de avaliação, ouvia-se o programa e elencava questões que deveriam ser revistas ou aprimoradas. Ali, os alunos participantes do projeto podiam verificar o que fora produzido e fazer suas próprias considerações sobre o que haviam gostado, que trechos ficaram difíceis para o entendimento, onde aconteceu alguma falha, o que poderiam fazer numa próxima oportunidade... Cada aluno fazia uma avaliação geral do

¹⁶ Desde o início, alunos que gravam os programas vão até os estúdios da Rádio Prefeitura para realizarem as gravações, com carro cedido pela Prefeitura.

¹⁷ Do inglês *compact disc*.



programa e realizava-se um debate. Nesta reunião também se definia a pauta da semana seguinte. Para os membros, era clara a idéia de que objetivos buscávamos e, como a construção da cidadania começa pelo respeito à diversidade de opiniões, saber ouvir e saber decidir coletivamente era, portanto, condição de participação.

No período inicial do projeto, a preparação dos estudantes era realizada na própria escola, com incentivo a leitura e oralidade. Para isso contou-se com o apoio das professoras de Português que lecionavam no CAIC. Aos alunos também foram ofertadas visitas orientadas às rádios Jovem Pan, Band News e Banda B de Curitiba. Nesta atividade, a equipe foi acompanhada pela jornalista Evelise Barone.

Dando continuidade ao projeto, em 2008, os novos 70 estudantes da 8.^a série do CAIC realizaram uma visita orientada às instalações da Rádio Prefeitura. Os alunos conheceram como funcionava o canal de notícias mantido pela Prefeitura de Curitiba, participaram de uma palestra sobre como surgiu e como funciona a Rádio Prefeitura e conheceram o estúdio de gravação e profissionais da emissora.

Como era grande o número de interessados em participar da Oficina Rádio Escola, houve a necessidade de se elaborar um processo de seleção. Os alunos inscritos participaram da palestra inaugural na Rádio Prefeitura para conhecer o projeto. Depois, na escola elaboraram uma produção de texto na qual explicaram o que entenderam sobre o projeto e porque deveriam ser escolhidos para ser um “repórter mirim”. Esta foi uma fase eliminatória, avaliada com a contribuição da professoras de português. A escolha final teve como critérios principais a comunicabilidade, criatividade, liderança e bom relacionamento interpessoal. Assim formou-se o novo grupo, com 15 alunos titulares e cinco suplentes.

Depois, foi organizada uma reunião entre os selecionados e os repórteres mirins do ano anterior. Estes apresentaram um relato, contando como foi para eles participar do projeto, as realizações e dificuldades vivenciadas. Em seguida foi realizada uma dinâmica de grupo na qual os candidatos foram organizados em equipes e deveriam criar um programa de rádio e apresentá-lo em forma de leitura dramática. Esta etapa foi avaliada pela professora Patrícia e pelos radialistas mirins do ano anterior.

A metodologia utilizada foi semelhante a do ano anterior, com a participação dos alunos nas tomadas de decisão. Houve algumas adaptações em relação a horários, dias de reunião e agendamento de espaços na escola. Os adolescentes passaram a usar o laboratório de informática para digitar as pautas e realizar pesquisas. Membros da



equipe que não fossem participar das gravações no estúdio ficavam na escola a fim de ouvir o programa e fazer uma avaliação do mesmo.

O perfil dos programas foi semelhante ao do ano anterior, com formato de entrevistas, quadros de notícias sobre educação e cultura, participação do repórter do trânsito e participações por telefone. A novidade ficou por conta da gravação de entrevistas na cobertura de eventos da Secretaria Municipal da Educação. Estas entrevistas eram usadas durante o programa ao vivo. A figura do “repórter mirim” ganhou ainda mais importância com a participação em coletivas e entradas ao vivo.

Uma dificuldade percebida foi a necessidade de recomeçar o trabalho, praticamente do zero, já que os alunos do ano anterior deixaram a escola. Então, no segundo semestre foram convidados alguns alunos de 7.^a série para se integrar ao projeto, já se pensando na continuidade do trabalho no ano seguinte (assim, em 2009, contamos com membros que já haviam participado da Oficina no ano anterior e dar continuidade ficou mais fácil).

Em 2008, 20 alunos participaram do Projeto efetivamente e foi possível gravar e transmitir 20 programas, num total de 20 horas de programação feita pelos estudantes. Neste ano, a Oficina Rádio Escola ganhou ações complementares como a oficina de leitura dramática, cujo objetivo era melhorar a fluência e a interpretação dos textos pautados para o programa da rádio. Esta oficina contribuiu para que os estudantes adquirissem uma linguagem teatral por meio do estudo de textos dramáticos estimulando o exercício constante da comunicação oral e da prática da leitura. A leitura dramática é uma forma cênica de ler textos que induz o espectador a atribuir sentidos próprios à história contada. Ela deve ser compreendida também como parte de um processo de letramento dos estudantes que se configura como um meio de apropriação do uso da leitura e da escrita nas diferentes práticas sociais.

Os radialistas-mirins também participaram de uma visita orientada à exposição “Paraná ligado no rádio”, na qual puderam aprender sobre a história do rádio ao assistirem a um vídeo e depois a uma palestra, conheceram aparelhos de rádio e microfones antigos e visitaram mostra de fotografia.

Aos participantes também foi oportunizada a visitas guiadas a as rádios Banda B e Band News, emissoras comerciais de rádio, com o objetivo de mostrar como trabalham os radialistas profissionais e como funcionam algumas rádios em Curitiba.



Os alunos envolvidos neste projeto vivenciavam, a partir da realização dos programas, conceitos de cidadania e percebiam seu poder de participação junto ao poder instituído, especialmente quando precisavam entrevistar autoridades.

O Projeto Oficina Rádio Escola foi aos poucos construindo propostas de cidadania, engajando os alunos em projetos de colaboração para a melhoria das relações entre as pessoas, discutindo questões ligadas a construção do projeto de vida pessoal e individual de cada participante e questões coletivas como sexualidade, saúde, meio ambiente, ao combate a todas as formas de discriminação e preconceito, entre outras.

Apontamentos: o que aprendemos e o que queremos

A produção e apresentação de programas de rádio reforçam um modelo de comunicação horizontal, democrático e participativo, na medida em que seus agentes de transformação são sujeitos. E é na prática interativa e co-participativa do diálogo, que o rádio ocupa espaço no universo comunitário escolar e extra-escolar.

Percebeu-se nesta experiência que os programas produzidos também melhoraram a auto-estima dos participantes, refletindo em valorização dos mesmos na escola e na família. Os programas trouxeram um sentimento de valorização dos membros da comunidade porque permitiam sua expressão, através da ‘ampliação de sua voz’, pois se tornavam agentes e produtores de informação. Pais de alunos participantes declararam que seus filhos tornaram-se mais organizados em relação ao tempo e passaram a estudar mais.

Ao ganharem familiaridade com os equipamentos próprios da comunicação radiofônica e com a elaboração coletiva da programação a ser veiculada, os alunos passaram a ‘utilizar’ seu próprio discurso, transmitindo o que pensavam, desejavam e necessitavam para a melhoria das relações entre a comunidade escolar e a sociedade em geral.

Assim, com a intenção de dar aos alunos oportunidades de ampliar seus conhecimentos e novas e diferentes chances de desenvolvimento de suas habilidades e competências, o projeto também os tornava sujeitos, cidadãos produtores de mensagens e capazes de refletir sobre suas condições de atuação. Assim, a Oficina permitia que os estudantes passassem de simples expectadores a produtores de informações – percebeu-se que este é um trabalho que traz muitos benefícios à prática pedagógica enriquecendo a forma de aprender.



Em relação aos alunos que participaram do projeto, houve um crescimento significativo. Como este formato de trabalho trouxe uma aproximação entre a professora e os alunos, os mesmos mantêm contato até hoje. Todos estão cursando Ensino Médio e realizando algum tipo de trabalho complementar, seja como estagiários ou atuando como voluntários na comunidade (igreja ou colégio). Eles relatam que utilizam em seu cotidiano o que aprenderam com a experiência do rádio. São características como comunicabilidade, trabalho em equipe, liderança, comprometimento e solidariedade. Alguns revelaram o desejo de tornarem-se jornalistas.

Constata-se que o Projeto também é uma proposta de educação para as mídias, pois ajuda a refletir sobre o que recebemos dos canais de comunicação, permitindo que estudantes e professores exercitem um olhar crítico em relação aos conteúdos veiculados pelas diversas mídias.

Consideramos que a comunicação, através do uso dos meios, deve ser percebida, não do ponto de vista tradicional, nos seus usos políticos e culturais cotidianos, nem como instrumento para abrir mercados de consumidores e favorecer interesses econômicos e políticos vinculados, direta ou indiretamente, aos donos dos veículos de comunicação, mas como um instrumento de luta, de fala dos oprimidos, instrumento que capacita os cidadãos ao exercício de sua cidadania, que venha a contribuir para a transformação positiva das condições de vida políticas, econômicas e sociais das pessoas.

Nesse sentido, a Oficina Rádio Escola teve o privilégio de poder produzir mensagens e divulgá-las a partir do conhecimento sistematizado numa aprendizagem que é coletiva e continuada e que está situada muito além da mera transmissão de informações. Os resultados obtidos até o presente momento justificam a relevância do projeto para os estudantes. Os mesmos apresentaram melhora no desempenho escolar e comprometimento com as reuniões, eventos e capacitações.

Para o ano de 2009, o Projeto prevê novas ações, como oficinas e atividades culturais que visem o desenvolvimento dos estudantes, oportunizando o aperfeiçoamento de suas ações como radialistas-mirins. Além da continuidade do trabalho no Bairro Novo, outras escolas serão foram convidadas e devem criar seus próprios programas. A intenção das secretarias municipais de Educação e da Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Curitiba é expandir o projeto gradativamente para todas as escolas que desejarem participar. Entendemos que nesta ação está inserida a política da educação múltipla, integral, permanente e continuada



que pode beneficiar diretamente alunos e professores, mas que também atinge outros membros da comunidade e fortalece a escola como um centro de produção de conhecimento, estímulo a cidadania e relações sociais mais humanas.

Referências bibliográficas

- ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*. São Paulo: AnnaBlume, 1999.
- BIANCO, Nélia Rodrigues del. *Rádio a serviço da comunidade*. Comunicação & Educação, v. 6, n. 18, 2008. pp. 22-35
- CORREIO BRAZILIENSE. *Educação integral: do entusiasmo à decadência - razões políticas e técnicas decretaram o fim do programa, que nasceu de um acordo entre Collor e Brizola*. Brasília: Correio Braziliense, 2 jun 2002. Disponível em: http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020602/pri_tem_020602_175.htm. Acesso em: 2 jun. 2002.
- CASTRO, Ruy. *Roquette-Pinto: o homem multidão*. In: Revista especial dos 60 anos da Rádio DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995. MEC. Rio de Janeiro: Fundação Roquette-Pinto, 1996. pp. :2-17.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Seixos rolados (estudos brasileiros)*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia., 1927.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos*. In: Caminhos da Educomunicação. São Paulo: Salesiana, 2001. Cadernos de educomunicação I, NCE-ECA-USP.
- _____. *Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação*. Comunicação & Educação, v. 8, n. 23, 2007. pp. 16-25.